

# DOM BOAVENTURA KLOPPENBURG: Sua atuação na Igreja de Cristo durante a segunda metade do século XX

Frei Alberto Beckhäuser, OFM\*

## Sumario

El presente artículo realiza la actuación de Frei Boaventura Kloppenburg (fallecido el 8 de mayo de 2009) durante la segunda mitad del siglo XX, en el ámbito de la Iglesia universal, latinoamericana y brasileña, al mismo tiempo que esboza, a grandes trazos, su valioso aporte teológico y pastoral. El autor logra describir la rica y compleja personalidad de un hombre de espíritu polémico y apasionado; hombre y escritor del Concilio, amante y preclaro expositor de la Teología Escolástica, al mismo tiempo que combativo ante los abusos de la teología de la liberación en boga; pastor insigne y buscador incansable de la renovación de la Iglesia. En fin, un hombre apasionado por Cristo y por su Iglesia; amante y defensor de la doctrina cristiana; de gran envergadura espiritual y sólida vida de oración; “un religioso que tomó muy en serio su consagración a Dios”, así como “un teólogo nato con profunda inclinación hacia la acción pastoral en todo su modo de pensar y actuar”.

**Palabras clave:** Frei Boaventura Kloppenburg, REB, Iglesia Popular, Revista Medellín, Itepal, Teología de la liberación.

\* Docente. Instituto Teológico Franciscano. Rua Coronel Veiga, 550 – Centro. Petrópolis, RJ – Brasil. becoiser@itf.org.br

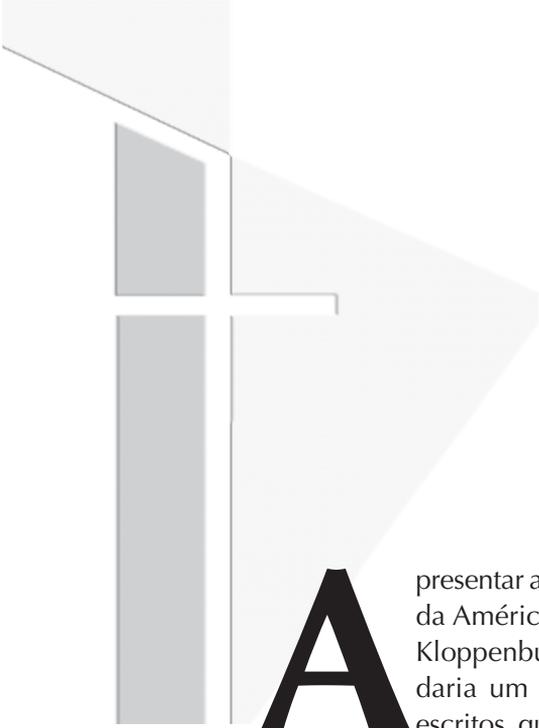


# DOM BOAVENTURA KLOPPENBURG: His performance in the Church of Christ during the second half of the XX century

## Abstract

The present article highlights the performance of Frei Boaventura Kloppenburg (deceased May 8<sup>th</sup>, 2009) throughout the second half of the twentieth century, regarding the universal Church, both the Latin-American and Brazilian, while at the same time it sketches his valuable theological and pastoral insights. The author is able to describe the rich and complex personality of a man with a passionate and polemic spirit; he who is both a man and the author of the Concillium, lover and illustrious exhibitor of the Scholastic Theory, while at the same time a combatant before the abuses of the theology of the liberation in vogue; renewed pastor and seeker of insatiable renovation of the Church. At the end, he is a man passionate for Christ and for his Church; lover and defender of the Christian Doctrine; a man of great spiritual span and solid life of prayer; “a religious man who has taken very seriously his consecration of God”, as well as a “innate theologian with a profound inclination towards the pastoral action an in his way of thinking and acting”.

**Key Words:** Frei Boaventura Kloppenburg, Brazilian Ecclesiastic Magazine (REB), Peoples Church, Theological Magazine Medellín, Itopal, Theology of the liberation.



**A**presentar a contribuição teológica e pastoral à Igreja da América Latina dada por Dom Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, é tarefa nada fácil. Demandaria um exaustivo estudo dos seus abundantes escritos, que manifestam seu pensamento teológico e sua ação pastoral. Eles apresentam material de pesquisa para teses de Mestrado e mesmo de Doutorado. Por isso, decidi realçar sua atuação na Igreja de Cristo durante a segunda metade do século XX.

Como o artigo foi pedido a algum dos seus confrades pela Redação da revista *Medellín*<sup>1</sup>, fundada em 1975 pelo próprio Frei Boaventura Kloppenburg, ao assumir a direção do ITEPAL<sup>2</sup>, a sorte recaiu sobre o autor destas linhas, primeiramente, aluno e, depois, por alguns anos, colega de magistério no Instituto Teológico Franciscano, em Petrópolis, RJ, Brasil. De fato, tive o privilégio de colaborar com ele na REB com artigos sobre a reforma da Sagrada Liturgia que foi acontecendo com a publicação dos diversos Rituais. Em 1980, se não me engano, fui convidado por ele para assumir a secção de Liturgia do Instituto Teológico-Pastoral do CELAM, em Medellín, na Colômbia. Não assumi porque não fui liberado pelo meu Superior Provincial de então. Mais tarde, fui honrado com o convite para colaborar na Festschrift *Sub Umbris Fideliter*, por ocasião dos seus 80 anos de vida<sup>3</sup>. Fiz-me presente também na sessão comemorativa em sua homenagem na UNISINOS, em São Leopoldo, RS.

<sup>1</sup> *Medellín. Teología y Pastoral para América Latina*, Revista Trimestral.

<sup>2</sup> Instituto Teológico-Pastoral para América Latina.

<sup>3</sup> PE. GERALDO L. B. HACKMANN (Org.), *Sub Umbris Fideliter. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg*, EDIPUCRS, Porto Alegre 1999, p. 11-39. – Doravante esta obra será citada simplesmente: *Sub Umbris Fideliter*.



Já em nosso tempo de seminário menor, Frei Boaventura Kloppenburg era para nós um verdadeiro mito como frade menor, como grande pregador e brilhante professor de Teologia. Como professor, em Petrópolis, tive-o por pouco tempo; apenas uns dois meses. Foi em 1960, na espera do novo professor de Teologia Sistemática, Frei Guilherme Baraúna, que estava terminando seus estudos em Roma. Suas aulas eram verdadeiras pregações, marcadas pela eloquência, que nos convidavam a estudar Teologia com devoção e unção dentro da Tradição Teológica Franciscana, sobretudo, de S. Boaventura e Duns Scotus. Na realidade, sua abordagem era bastante escolástica, melhor, neoescolástica, fato que lhe trouxe problemas com os alunos mais tarde.

Tive o privilégio de estar com Frei Boaventura durante os anos do Concílio Vaticano II, em Roma, onde ele foi perito conciliar<sup>4</sup> e eu, estudante de Liturgia no Santo Anselmo. De volta ao Brasil, em 1967, encontrei-o como confrade, professor, redator da REB<sup>5</sup> e afamado conferencista na recepção do Concílio Vaticano II no Brasil.

Pelo fato de minha formação teológico-litúrgica nunca ter se alinhado a uma escola teológica ou a alguma tendência especial da reflexão teológica no Brasil, creio poder tratar com certa isenção desta personalidade rica e complexa que foi Frei Boaventura Kloppenburg. Era homem, sem dúvida, polemista que se tornou polêmico na Igreja do Brasil durante toda a segunda metade do século XX. Conquistou fãs e defensores, bem como adversários e inimigos.

São de realçar sua brilhante inteligência e enorme capacidade de trabalho a serviço de Cristo e da Igreja, conforme sua convicção de fé. Com a palavra eloquente e a pena ágil ele marcou mais de cinquenta anos de história da Igreja no Brasil e na América Latina com reflexos na Igreja universal. Para quem deseja conhecer mais de perto a personalidade e o dinamismo de Frei Boaventura, remeto para dois livros: *Sub Umbris Fideliter*, uma obra em sua homenagem

<sup>4</sup> Ele deixava comigo seu grosso capote de inverno, usado sobre o hábito franciscano.

<sup>5</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, da qual ele foi redator durante 20 anos, de 1952-1972.

pelos seus 80 anos de vida e uma biografia escrita por José Alfredo Schierholt<sup>6</sup>.

Escreve o biógrafo:

“Considerava Frei Boaventura de suma importância usar meios de comunicação mais duráveis, mormente livros. Tinha certeza de que através de seus livros continuava a pregar por décadas de anos. De 1951 até o ano 2000, publicou 70 livros, com a média de 150 páginas cada um, num total de 10.350 páginas”<sup>7</sup>. Todos os livros vêm relacionados, ano por ano. Depois, o mesmo biógrafo relaciona os artigos em revistas especializadas. Frei Boaventura publicou 240 artigos de fundo em revistas especializadas, num total aproximado de 4.660 páginas<sup>8</sup>.

Em 1982 Frei Boaventura regressou ao Brasil depois de nove anos fora como Reitor do Instituto Teológico-Pastoral do CELAM, iniciando seu ministério episcopal como Bispo Auxiliar de Salvador na Bahia. Na época, estava a Igreja no Brasil no auge da euforia liberacionista no campo da reflexão teológica, escreve o biógrafo, e da ação pastoral. Nesse contexto, escreveu seus artigos para o *Jornal do Brasil*. O boletim do Clero da Arquidiocese do Rio de Janeiro reproduziu os textos e a revista era enviada a todos os bispos do Brasil. Numerosos jornais do interior publicavam os artigos. Alguns deles saíram também na edição portuguesa do *L'Osservatore Romano*. Como o tema era, muitas vezes, quente e o tom crítico, os artigos não foram recebidos com agrado nos arraiais da teologia e pastoral da libertação. Publicados até fevereiro de 1996, estes artigos alcançaram a significativa cifra de 185, elencados

<sup>6</sup> JOSÉ ALFREDO SCHIERHOLT, *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. 80 anos por Cristo em sua Igreja*, ed. do Autor, Lajeado 1999, 448 p.; Pe. GERALDO L. B. HACKMANN (Org.), *Sub Umbris Fideliter. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg*, EDIPUCRS, Porto Alegre 1999, 520 p. Nesta obra encontram-se duas contribuições referentes a Frei Boaventura: PAULO EVARISTO, CARDEAL ARNS, *Companheiro de Caminhada*, p. 331-346; JOSÉ ALFREDO SCHIERHOLT, *Frei Boaventura Kloppenburg – Meio século a serviço da Igreja*, p. 417-519.

<sup>7</sup> J.A. SCHIERHOLT, *Frei Boaventura Kloppenburg – Meio século a serviço da Igreja*, p. 420. Doravante, citaremos a obra simplesmente desta forma: J.A. SCHIERHOLT, *Frei Boaventura Kloppenburg*.

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, p. 424, onde são relacionados todos os artigos no decorrer dos anos (p. 424-432).



com data pelo biógrafo<sup>9</sup>. Finalmente, já como bispo titular de Novo Hamburgo, foi convidado pela direção do jornal *NH* a publicar seu artigo semanal de orientação pastoral na edição de sábado-domingo. Os artigos escritos de março de 1992 até agosto de 1999 são em número de 378. O seu biógrafo conclui: “A missão de Frei Boaventura, como teólogo e pregador, é permanente, através de livros, jornais e revistas. Ultrapassa, seguramente, 15.500 páginas”<sup>10</sup>.

Depois desta listagem de 1999, temos ainda ao menos três livros: *A Fé do Cristão Católico* (Ed. Vozes); *Libertação Cristã* (Ed. Porto Alegre); *Virtudes* (Vozes). Visitando-o, em 2003, em Novo Hamburgo, encontrei-o entusiasmadíssimo com a Internet pela facilidade de acesso às diversas fontes da Teologia.

**Dados biográficos:** É natural de Molbergen, na região de Oldenburg, na Baixa Saxônia, Alemanha. Filho de Franz Bernard e Josefine Caroline Kloppenburg, nasceu aos 02 de novembro de 1919 recebendo o nome de Karl Josef. Por causa da difícil situação criada pela grande guerra de 1914 a 18, sua família emigrou em 1924 para o Brasil e se estabeleceu na paróquia de Rolante, no Rio Grande do Sul.

Muito cedo Carlos José, como foi chamado no Brasil, sentiu a vocação sacerdotal. Aos 12 anos, sem distinguir entre padres religiosos e padres diocesanos ou seculares, como ele mesmo revela, entrou no Seminário dos Missionários da Sagrada Família, em Santo Ângelo, onde permaneceu até o término do ano letivo de 1934. A família tinha-se transferido para Hulha Negra, na região de Bagé. O ano de 1935 ele o passou na família. Em 1936 matriculou-se, como seminarista da diocese de Pelotas, no Seminário Menor de São Leopoldo, onde completou o curso ginasial. Tendo sido fechado este, em fins de 1937, foi enviado ao Seminário Menor de Santa Maria, onde, em 1939, terminou regularmente seu curso colegial. Em 1940 e 1941 ele cursa filosofia no Seminário Central de São Leopoldo.

Uma experiência menos feliz, em estágio de férias numa paróquia, convenceu-o de que a vida do padre secular não era para ele.

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, p. 432-436.

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem*, p. 437-444, onde se encontra o elenco com data e título dos artigos.

Seria, por demais, solitária. Buscou, então, uma Ordem religiosa. Entusiasmou-se por São Francisco de Assis e os Franciscanos, que mantinham a Editora Vozes. Assim, em dezembro de 1941 ele entrava no noviciado da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) da Província da Imaculada Conceição do Brasil, em Rodeio, SC, recebendo o nome de Frei Boaventura, pelo qual ficou conhecido no Brasil e no Exterior. Gostava de ser chamado simplesmente Frei Boaventura. Dom Boaventura só no tempo do ministério episcopal. Assim, ao se tornar emérito, voltou a assinar Frei Boaventura Kloppenburg, OFM.

Eis os passos seguintes: 21.12.1942 - Primeira Profissão Religiosa dos votos temporários ao término do Noviciado; 1943 – Continuação dos estudos de Filosofia, em Curitiba, PR. Já havia iniciado os estudos filosóficos no Seminário de São Leopoldo, RS; 1944-1947 – Estudos de Teologia no Studium Theologicum da Província, em Petrópolis, RJ; 21.12.1945 – Profissão solene na Ordem Franciscana; 06.01.1946 – Ordenação presbiteral que se realizou em Bagé, RS. Celebrou solenes primícias a 13 de janeiro em Hulha Negra, perto de Bagé.

É de se ressaltar nessas semanas em sua terra por ocasião das Primícias seu posicionamento sobre questões sociais relacionadas com a terra. Seu biógrafo fala longamente do “sonho social de um néo-sacerdote”. Já aí Frei Boaventura por declarações e artigos, manifestava suas preocupações pastorais<sup>11</sup>.

Em 1947, depois de 7 anos de estudos universitários, concluindo filosofia e teologia com média geral máxima, Frei Boaventura foi designado para prosseguir seus estudos na Europa, ou seja, no então Pontifício Ateneu Antoniano, em Roma. No contexto dos debates sobre a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma aos céus, Frei Boaventura defendeu tese de Doutorado sobre a questão teológica do nexa entre o pecado e a morte. Redigida e defendida em latim, a tese tem como título: *De Relatione inter Peccatum et Mortem*<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Cf. J.A.Shierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 33-43.

<sup>12</sup> Sua tese foi recebida e aprovada *summa cum laude*. A Libreria Orbis Catholicus, representante da Editora Herder, de Roma, fez a publicação imediata com Introdução de 19, mais 216 páginas.



Em 1950 Frei Boaventura volta para o Brasil com o doutorado em Teologia “Dogmática”. De 1951 a 1971, sua residência é Petrópolis, como Professor no Studium Theologicum da Província da Imaculada Conceição, Redator da Revista Eclesiástica Brasileira, escritor e conferencista pelo Brasil a fora.

Em 1972, mudou um pouco o espaço de suas atividades: Professor de Teologia em Porto Alegre, RS (1972); Reitor do Instituto Teológico-Pastoral do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), em Medellín, Colômbia (1973-1982); Membro da Pontifícia Comissão Teológica Internacional (1975-1990); Bispo Auxiliar de Salvador, BA (1982-1985); Bispo Diocesano de Novo Hamburgo, RS (1986-1995); Bispo Emérito de Novo Hamburgo (1996-2009), onde terminou sua carreira na terra aos 8 de maio de 2009.

Desde o fim da década de 1950, ou seja, de 1957, Frei Boaventura foi escrevendo o seu Diário<sup>13</sup>. Através deles podemos acompanhar Frei Boaventura na ribalta da reflexão teológica e da preocupação pastoral da Igreja durante os quatro decênios de intensa atuação.

Ao longo desses quatro decênios, conforme se expressa o próprio Frei Boaventura, podemos distinguir *quatro momentos especiais de serviço a Cristo em Sua Igreja*. Ele mesmo nos fala:

*Na década de 1951-1961, enquanto ensinava teologia sistemática aos frades em Petrópolis (Rio de Janeiro) e dirigia a REB (Revista Eclesiástica Brasileira), dediquei todo o tempo livre disponível à campanha nacional de esclarecimento dos católicos sobre os movimentos espiritualistas no Brasil, particularmente sobre o Espiritismo. Não há cidade maior no Brasil que naquela década não me conheceu pregando ou fazendo conferências em igrejas, colégios, salões e praças públicas.*

*Na década de 1961-1971, continuando sempre em Petrópolis como professor de teologia e redator da REB, fiquei sumamente*

<sup>13</sup> O seu biógrafo, José Alfredo Schierholt, faz menção ao menos de 19 volumes, enumerados como *Diário 1,2*, etc. até *Diário 19*.

*ocupado com o Concílio Vaticano II, sua preparação, sua realização e sua aceitação no Brasil e na América Latina.*

Na década de 1971-1982, dediquei-me de modo particular aos problemas teológicos e pastorais da América Latina, com cursos e conferências em quase todos os países do continente e, desde fins de 1973, organizando e dirigindo, em nome do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), o Instituto de Teologia e Pastoral para a América Latina em Medellín, Colômbia, publicando também uma revista especializada com este fim.

Na década de 1982 em diante, no serviço episcopal, primeiro em Salvador, Bahia, como Bispo auxiliar, e desde setembro de 1986, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, retornando ao torrão de 1924, como Bispo diocesano e, tendo passado os umbrais dos 75 Anos, na condição de Bispo emérito, como início do descanso eterno.

*Quero ainda recordar quatro momentos especiais neste serviço:*

1º - A I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, em julho de 1955: Com o Côn. Agnelo Rossi, éramos, ele e eu, os únicos padres do Brasil que oficialmente tomaram parte neste importante encontro episcopal antes do Concílio.

2º - A II Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, Colômbia, em agosto-setembro de 1968: participei como perito da CNBB na longa preparação e na execução desta leitura latino-americana dos documentos do Vaticano II.

3º - A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em janeiro-fevereiro de 1979 em Puebla, México, para uma leitura latino-americana da Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi do Servo de Deus, o Papa Paulo VI, com um demorado trabalho de preparação e na qualidade de convidado especial do Papa.

4º - Na IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, em outubro de 1992, em Santo Domingo, por ocasião do quinto centenário do descobrimento da América, na qualidade de membro-delegado da CNBB<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Cf. *Sub Umbris Fideliter*, p. 431-432.



Procuremos agora detalhar um pouco mais estes quatro períodos.

## 1. A serviço da Igreja no Brasil (Década de 1950)

Neste decênio, vemos a atividade de Frei Boaventura em Petrópolis e no Brasil. Em Petrópolis, ele assume por alguns anos todas as aulas de Teologia Dogmática.

Começou também logo a polemizar pelos jornais com defensores do divórcio e a falar sobre espiritismo nas pregações dominicais. No mesmo ano de 1951, iniciou seu trabalho na redação da *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*. Como redator ele tinha em mãos um importante meio para servir a Igreja no Brasil. Eis suas palavras no editorial de março de 1953: “*continuar naquela orientação segura e positiva que até hoje tem distinguido, inspirado e guiado estas páginas. Será uma revista do clero, feita pelo clero e para o clero. Será uma verdadeira revista, no sentido etimológico da palavra; será realmente eclesial, atendendo aos interesses de toda a Igreja; e será brasileira. É o seu título e é o seu programa*”<sup>15</sup>.

Nestes anos Frei Boaventura coordenou e animou a *Campanha Nacional de Esclarecimentos aos Católicos sobre o Espiritismo*. Em 1951, participou em São Paulo de um congresso teológico sobre a encíclica *Mediator Dei*. Nas deliberações sobre o tema do próximo congresso, alguns opinavam pela Ação Católica. O Cardeal paulistano, D. Carlos Mota, opinou pelo espiritismo, baseado no alerta do próprio papa: *o Espiritismo é o maior perigo do Brasil*. Frei Boaventura votou a favor da proposta do Cardeal Mota e a assumiu em cheio<sup>16</sup>.

Certamente havia necessidade de esclarecimento do povo brasileiro sobre a doutrina católica. Eis o depoimento do próprio Frei Boaventura sobre sua ação:

*Em 1951, quando comecei a lecionar Teologia Dogmática em Petrópolis, fui despertado também para o problema do Espiritismo*

<sup>15</sup> J.A. Schierholt, *Frei Boaventura Kloppengurg*, p. 49.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, p. 49.

no Brasil. *Várias circunstâncias me levaram então a dedicar todo o tempo livre ao estudo do Espiritismo. Comecei então uma autêntica Campanha Nacional de Esclarecimentos aos católicos sobre o Espiritismo. Isso fez com que me tornasse conhecido no Brasil inteiro. Todas as férias eram aproveitadas para fazer conferências, pelo Brasil afora. Só Deus sabe quanto falei e escrevi naqueles anos. Só fui liberado dessa campanha quando da nomeação, por João XXIII, para o Concílio Ecumênico, em 1961. Dez anos, portanto, durou a minha fase espírita. Mas nestes dez anos continuava a lecionar Teologia e a dirigir a Revista Eclesiástica Brasileira*<sup>17</sup>.

Esta fase de sua vida e ação é apreciada por seu amigo e colega Frei Evaristo Arns, mais tarde, Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns:

*Mal sabia eu que o padre Dr. Boaventura Kloppenburg estava enfrentando a sua maior batalha da vida, quem sabe, animado pelo futuro Cardeal Dom Agnelo Rossi, então responsável pela Doutrina, na nascente Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Essa batalha contra o espiritismo trouxe movimentação quase inimaginável para Petrópolis e, quem sabe, para todo o clero e movimento religioso de nossa terra.*

*Nas discussões públicas que se faziam por toda parte, o padre Frei Boaventura era tão imbatível e tão surpreendente em suas respostas, que todos queriam apreciar esses debates, que se tornavam sempre mais frequentes e profundos.*

*Um grande amigo, seu e meu, Frei Frederico Vier, que, naquele tempo, controlava as publicações da Editora Vozes, tornou-se grande admirador do polemista incansável contra o espiritismo no Brasil.*

*Ao mesmo tempo em que os debates esquentavam o ambiente intelectual e religioso, os livros sobre questões espíritas chegavam às mãos dos brasileiros de Norte a Sul do país. Eram como pãezinhos frescos que se oferecem a adolescentes famintos. Mas, ao mesmo tempo, se transformavam em autêntica catequese sobre as verdades fundamentais do cristianismo, que costumavam ser negadas, ou*

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 58.



*confundidas, ou interpretadas de maneira nova, pelos mestres ou representantes mais expressivos do espiritismo de Norte a Sul do Brasil. Poucos homens de Igreja atraíram tanto público a suas apresentações, excluídos os atuais atores ou representantes dos movimentos carismáticos, para os quais nem os estádios maiores de nossas Capitais oferecem espaço suficiente, para as reuniões de Pentecostes e outras ocasiões, em que eu costumo abrir as sessões lembrando os princípios do Papa e da CNBB.*

*Frei Boaventura era realmente o apóstolo do Brasil, e ele mesmo se há de perguntar, hoje, após o Concílio, se os métodos eram os mais adaptados e os mais evangélicos e eficientes nesse campo*<sup>18</sup>.

## **2. A serviço da Igreja no Vaticano (Década de 1960)**

Com a convocação do Concílio Vaticano II Frei Boaventura muda seu campo de ação. Ele mesmo declara:

*Na década de 1961-1971, continuando sempre em Petrópolis, como professor de teologia e redator da REB, fiquei sumamente ocupado com o Concílio Vaticano II, sua preparação, sua realização e sua aceitação no Brasil e na América Latina*<sup>19</sup>.

Podemos dizer que nesta década ele se volta totalmente para a vida da Igreja universal. Abraça com paixão a Igreja do Concílio e dedica toda a sua capacidade de escritor e de comunicador pela eloquência verbal à recepção do Concílio no Brasil e na América Latina. Isso acontece, sobretudo, como teólogo.

A serviço da Igreja no Vaticano, atuou como consultor, para preparar o Concílio Vaticano II, chefe do setor de língua portuguesa no Serviço de Imprensa do Concílio, perito conciliar e no Sínodo dos Bispos, membro do Secretariado para a União dos Cristãos, por 15 anos membro integrante da Comissão Teológica Internacional e consultor da Sagrada Congregação para o Clero. A serviço da Igreja no mundo, esteve em dezenas de cidades na América do Norte,

<sup>18</sup> Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS, *Companheiro de caminhada, em Sub Umbris Fideliter*, p. 339-340.

<sup>19</sup> Cf. J.A.Shierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 10.

América Central, na África e Europa, sobretudo na Alemanha, seja representando a Igreja em congressos, seja participando com palestras e conferências<sup>20</sup>.

Foi ele o grande cronista e repórter do Concílio para o Brasil. Basta lembrar os cinco volumes de crônicas do Concílio, editados pela Editora Vozes:

- Concílio Vaticano II – Vol. I Documentário Preconciliar;
- Concílio Vaticano II – Vol. II Primeira Sessão (Set.-Dez. 1962);
- Concílio Vaticano II – Vol. III Segunda Sessão (Set.-Dez. de 1963);
- Concílio Vaticano II – Vol. IV Terceira Sessão (Set.-Nov. 1964);
- Concílio Vaticano II – Vol. V Quarta Sessão (Set.-Dez.1965).

Kloppenburg empenhou-se, de corpo e alma, para divulgar o espírito conciliar e propor o “aggiornamento”, sempre baseado nos documentos conciliares e decisões sinodais.

*Para mim os documentos do Concílio são uma mina extraordinariamente rica em ensinamentos, diretrizes e normas; são uma verdadeira suma da sabedoria cristã; uma fonte para sempre de novas inspirações e surpreendentes descobertas; a voz autorizada do Magistério ordinário, universal, supremo e solene da Igreja. Acho que já sou um fanático do Concílio – exclamou no Diário 8, em 31-8-1970, em Bogotá. – Mas não me envergonho por isso. Cada um precisa de um hobby: o meu é o Concílio. Por natureza sou um homem apaixonado e necessito de um objeto de minha paixão: é o Concílio. Mil graças, meu Deus, pelo Vaticano II<sup>21</sup>.*

Realmente Frei Boaventura percorria o Brasil e países da América e da Europa fazendo conferências, palestras e cursos sobre o Concílio Vaticano II e a Igreja que dele saía renovada. Escreveu artigos na sua REB e em outras revistas sobre os mais diversos assuntos. Alguns títulos: Credo Sacrum Concilium. REB (1962), p. 569-586; A índole social do homem e suas consequências. REB (1966), p. 838-850; Vaticano II:

<sup>20</sup> Cf. *Sub Umbris Fideliter*, p. 433.

<sup>21</sup> Cf. J.A.Schierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 116.



uma Igreja diferente. *Voices* (1966), p. 1004-1025; A perigosa arte de ser Bispo. *REB* (1967), p. 257-288; Por uma Igreja interpenetrada com o mundo. *REB* (1968), p. 22-25; Ensaio de uma nova posição pastoral perante a Umbanda. *REB* (1968), p. 404-417; Tradição e progresso no equilíbrio do Vaticano II. *REB* (1968), p. 793-809; Secularização. *REB* (1969), p. 268-307; A natureza e a missão da Igreja. *REB* (1969), p. 785-837; A santificação de um mundo dessacralizado. *REB* (1970), p. 513-537; Normas do Vaticano II para uma vida santa. *REB* (1970), p. 829-849.

Sem dúvida, Frei Boaventura dominava os documentos do Concílio Vaticano II. Era como que um arquivo vivo do Concílio. Sabia sintetizar e apresentar os conteúdos dos mais diversos temas do Concílio.

Contudo, seu espírito polêmico e sua personalidade apaixonada despertaram também críticas aos seus posicionamentos. Por sua vez, foi despertando nele ataques e desaprovações de quantos pensassem de maneira diversa. Encontrou dificuldade de manter diálogo até com colegas de magistério, os bispos. Seus opositores que deviam ser combatidos estavam agora no seio da Igreja, a começar pelos seus alunos<sup>22</sup>.

Bem caracterizou esta atitude polêmica o seu Companheiro de Caminhada, Dom Paulo Evaristo Arns:

*As duas faces de Frei Boaventura, tanto o seu pendor polemista, quanto a sua caridade autêntica, podiam ter momentos certos e bem aquilutados. Mesmo assim, desejo lembrar, aqui, uma palavra do superior maior da Ordem Franciscana, que eu próprio ouvi, em Roma: "Quando Frei Boaventura não puder mais incendiar as florestas dos hereges, vai incendiar as roças dos amigos"*<sup>23</sup>.

Assim, não posso concordar com o parecer do biógrafo e do próprio Frei Boaventura sobre as causas que o levaram a se incompatibilizar com os alunos de Teologia Dogmática e o fizeram como

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, p. 72-76, sob o título: **Pelejas em casa**.

<sup>23</sup> *Sub Umbris Fideliter*, p. 341.

que fugir de Petrópolis, sendo acolhido pelo Cardeal Alfredo Scherer em Porto Alegre, onde lecionou Teologia no ano de 1972.

Escreve o biógrafo: “Mesmo que sempre tivesse alimentado admirável culto a São Francisco de Assis e tanto estivesse ligado à Ordem Franciscana, representando-a em todos os quadrantes do mundo, Kloppenburg nem sempre foi devidamente correspondido pelos seus confrades”<sup>24</sup>.

Ao ser eleito pelos confrades da Província, em 1971, como Deputado ao Capítulo Geral, em Medellín, Frei Boaventura confessa no *Diário 8*: *Isso é, para mim, na realidade, uma grande surpresa. De repente a Província se lembra de minha existência! Nunca fui nada, nestes meus 30 anos de frade menor. Encontrou uma explicação dessa indiferença, ao ingressar na Ordem Franciscana, uma organização religiosa já pronta, sem muito pensar em si e mais na Igreja. Por isso, habituou-se a se preocupar menos com a vida e política interna da Ordem, que lhe confiou a formação dos seus teólogos e lhe oferecia a Editora Vozes e suas revistas. Dedicou-se quase exclusivamente ao magistério, estudos, campanha de esclarecimento aos católicos, Concílio, livros, REB e revistas, retiros e cursos, inteiramente dedicado à Igreja e desinteressado pelas coisas particulares da Ordem, comecei a viver de fato um tanto à margem da Província e da Ordem. Não era por isso de admirar que também a Província me marginalizasse. Nunca me convidaram ou elegeram para nada na Província, a não ser para os cargos aqui no Convento. E agora me vem esta inesperada eleição para Deputado ao Capítulo Geral! Terei que começar agora e voltar-me para as coisas da Ordem? Por ora não posso entusiasmar-me com semelhante idéia. Mas ponho minha vida e seu destino nas mãos de Deus*<sup>25</sup>.

O próprio texto que acabamos de citar mostra que a Província e a Ordem deram total cobertura à intensa atividade apostólica e pastoral de Frei Boaventura: magistério, estudos, campanha de esclarecimento aos católicos, Concílio, livros, REB e revistas, retiros e cursos.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 426.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 425-426.



A suposta marginalização vem desmentida pela carta que lhe enviou o Ministro Provincial Frei Walter W. Kempf, acolhendo o pedido de deixar a redação da Revista Eclesiástica Brasileira, aos 4 de dezembro de 1971:

*Não quero, todavia, esconder meu pesar porque, com toda a franqueza, você vai deixando um trabalho sempre bem feito, que nunca desmereceu a confiança irrestrita da Província, que não sabe como agradecer-lhe o serviço prestado com tanta dedicação, esmero, senso de responsabilidade, espírito de sacrifício. Em nome de todos, cúpula e base da Província da Imaculada, quero expressar meu grande e sincero “muito obrigado, Frei Boaventura”<sup>26</sup>.*

As dificuldades com os alunos tiveram motivação diversa e muito concreta: o modo de ensinar teologia após o Concílio Vaticano II. Todos tinham Frei Boaventura em alta conta e apreço como escritor e homem do Concílio. Como professor, porém, continuou a ensinar com uma abordagem muito escolástica. Uma teologia especulativa, dedutiva, a partir dos dogmas do Credo, enfim, por demais, tradicional. O conflito se agravou num curso de sacramentologia sob a ótica tradicional do hilemorfismo de matéria e forma dos sacramentos. Ora, já antes do Concílio, havia surgido um novo modo de fazer teologia. A partir dos movimentos de volta às Fontes, havia surgido uma teologia mais histórico-salvífica, mais bíblica, mais patrística e litúrgica, enfim, mais existencial. Por outro lado, as ciências humanas começaram a se fazer presentes na Teologia. Daí uma teologia mais contextualizada a partir de um enfoque antropológico, cultural e social, sem esquecer a ciência das religiões e o diálogo inter-religioso.

Eis o depoimento de Frei Ludovico Garmus, um aluno seu daqueles tempos difíceis de transição, hoje professor de Exegese no Instituto Teológico Franciscano: “Quando comecei os estudos de Teologia, em Petrópolis, Frei Boaventura, ao lado de Frei Constantino Koser, era um professor brilhante do Instituto. Suas aulas eram pautadas pela clareza de exposição quando abordava os vários tratados de Teologia, embora com uma impositação bastante tradicional e escolástica. Mas sabia temperar a Teologia Escolástica com as novidades do Vaticano

<sup>26</sup> J.A.Schierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 77.

II. Abriu nossos horizontes para uma Igreja renovada. Embora, pessoalmente, nem sempre conseguisse acompanhar tal renovação, não deixava de apontar para os alunos as perspectivas e os caminhos para a renovação da vida da Igreja”<sup>27</sup>.

### 3. A serviço da Igreja na América Latina (Década de 1970)

No decênio de 1971 a 1981, Frei Boaventura, deixando Petrópolis, inicia uma campanha contra a Teologia da Libertação, particularmente contra o seu confrade e sucessor no magistério em Petrópolis e como Redator da *Revista Eclesiástica Brasileira*, Frei Leonardo Boff. Acentuou-se sua índole polêmica. Ele tinha que ter alguma questão ou alguma pessoa para fustigar. Agora não é mais a questão da interpretação e recepção “autêntica” do Concílio Vaticano II, mas a nova Teologia que foi surgindo a partir das Conferências Episcopais Latino-Americanas, sobretudo de Medellín, particularmente, a Teologia da Libertação.

Ouçamos primeiramente seu biógrafo: “Atuação destacada teve na América Latina, considerada por ele sua paróquia por um decênio. Notável foi sua missão em defesa da Igreja contra os abusos da teologia da libertação. Alertava o episcopado e o clero do perigo de se lerem os Evangelhos sob a ótica marxista.

Em 1977, publica seu 40º livro, a *Iglesia Popular*, em Bogotá. É um livro de crítica à Eclesiologia da Teologia da Libertação. Foi traduzido para o inglês e o alemão. Em 1983, a pedido da Santa Sé, foi traduzido para o português, publicado pela livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, com 230 p. Recebeu naquele ano três edições. Sua venda foi boicotada pelas livrarias da Editora Vozes e das Paulinas. Deu a Frei Boaventura a fama de ser conservador”<sup>28</sup>.

Em janeiro de 1973, Frei Boaventura é chamado a Roma para trabalhar no Secretariado para a União dos Cristãos. Conforme ele mesmo, seria oportunidade de se tornar mais ecumênico através da prática.

<sup>27</sup> Cf. REB (2009), p. 735.

<sup>28</sup> *Sub Umbris Fideliter*, p. 433.



Nas esferas do Vaticano não se sente muito à vontade. Em agosto de 1974, ele é nomeado Membro da Comissão Teológica Internacional, função que exerceu até 1990. Certamente, teve a função de ser a sentinela do Magistério universal sobre a nova Teologia que surgia em toda parte, mas, sobretudo, na América Latina, com a Teologia da Libertação.

Na apreciação do Magistério universal da Igreja, estava gabaritado, então, para exercer a função de Reitor do Instituto Teológico e Pastoral de Medellín na Colômbia, que começou a funcionar em 1974. Com a mesma finalidade de trabalhar pela Teologia e Pastoral na América Latina fundou a revista *Medellín: Teología y pastoral para América Latina*, que dirigiu até sua eleição para o episcopado. Era o homem de confiança do Episcopado Latino-Americano e da Sé Apostólica. Da Colômbia excursionou pelos países da América Latina, Caribe e América do Norte, pregando retiros ao clero, aos bispos, aos religiosos e religiosas e dando cursos de atualização e renovação da vida da Igreja.

Foi, sem dúvida, o grande receptor e transmissor do Concílio Vaticano II, sobretudo entre os bispos, o clero e os religiosos e religiosas. Fazia uso de um duplo instrumento: a palavra falada e a palavra escrita. Como, outrora, a REB, agora a revista Medellín é sua arma de divulgação das grandes linhas do Concílio e a luta contra o que ele considerava uma deturpação da Teologia, a Teologia da Libertação.

Em 1977, publica seu livro *Iglesia Popular* com veementes críticas à Teologia da Libertação. Ele mesmo manifesta sua impressão sobre a obra no *Diário 13*: *“Pois é muito forte e minhas críticas e ironias aparecem a todo momento. É um trabalho eminentemente polêmico por causa do próprio contexto polêmico do qual surgiu. Se digo que o trabalho durou um mês, refiro-me unicamente à redação final. Pois os estudos prévios de toda a documentação e as mil fichas que servem de memória, tudo isso foi trabalho de um ano inteiro. Nunca trabalhei com tanto afinco e tanto empenho em ser exato e fiel como neste estudo. Tenho consciência de estar fazendo uma obra pouco simpática, mas muito importante para nosso atual contexto intra-eclesial da América Latina. Se o publicar, terei adversários em penca. Dirão que sou capitalista, fascista, nazista e não sei o que*

mais. Todos os simpatizantes da esquerda se levantarão contra mim. Para eles quem não é de esquerda é de direita. Ou preto ou branco. Não conhecem a possibilidade de término médio ou uma posição de “centro”. “In medio stat virtus”. Penso que este princípio ainda é válido. E eu tratei de colocar-me no centro. Como quer que seja, penso sinceramente estar com a Igreja, com o papa, os bispos e os melhores teólogos ainda católicos de hoje. O que escrevi é uma apologia (para não usar a palavra “apologética”, que não é de moda) da Igreja. Era necessário. Alguém tinha que levantar sua voz em defesa da Santa Igreja e da mesma fé cristã. Pois tudo é terrivelmente questionado e até friamente negado”<sup>29</sup>.

Com a Instrução *Libertatis Nuntius*, de 03 de setembro de 1982, Frei Boaventura se sentiu inteiramente respaldado em suas posições<sup>30</sup>.

#### **4. A serviço da Igreja no Brasil no serviço episcopal (A partir de 1982)**

Demos a palavra ao seu biógrafo: “Embora se considerasse confinado, no serviço episcopal, prestou relevantes serviços à Igreja. Como Bispos auxiliar de Salvador da Bahia, encontrou no Cardeal Avelar Brandão Vilela um amigo a quem se deve a indicação de Frei Boaventura para ser eleito Bispo pelo Papa João Paulo II. Foi ordenado em Rolante, em 1º de agosto de 1982. Ocupava as funções de Vigário Geral da Arquidiocese de Salvador, quando foi surpreendido com a nomeação de Bispo diocesano de Novo Hamburgo, cuja posse se deu em 7 de setembro de 1986.

Usou de todos os meios ao seu alcance para atingir o público, da forma mais ampla possível. Solicitava aos organizadores de conferências populares a instalação de alto-falantes, para ser bem-ouvido e visto por todos. Nunca deixou de atender jornais, revistas e televisão, para transmitir mensagens de fé autêntica, doutrina cristã correta, sem sacrificar a verdade para agradar leitores, ouvintes e telespectadores.

<sup>29</sup> J.A.Schierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 243-244.

<sup>30</sup> Cf. *Ibidem*, p. 247.



... Nove anos fora do Brasil, como Reitor do Instituto Teológico-Pastoral do CELAM, Frei Boaventura regressou em 1982 para exercer o ministério episcopal no Brasil. Na época estava a Igreja no Brasil no auge da euforia liberacionista, no campo da reflexão teológica e da ação pastoral. Neste contexto escreveu 184 artigos para o *Jornal do Brasil*. O boletim do Clero da Arquidiocese do Rio de Janeiro reproduzia os textos; e a revista era enviada a todos os Bispos da nação. Numerosos jornais do interior também os publicavam. Alguns deles saíram também na edição portuguesa do *L'Osservatore Romano*. Como o tema era muitas vezes quente e o tom crítico, os artigos não foram recebidos com agrado nos arraiais da teologia e pastoral da libertação. Para comemorar seu 70º aniversário, em 1989, a Editora Vozes aceitou a publicação de uma seleção de setenta artigos menos agressivos, no livro *Para uma nova evangelização*. Sem nenhuma explicação, o *Jornal do Brasil* interrompeu a publicação dos artigos em fevereiro de 1996, com um texto sobre *A diablofobia da Igreja Universal*.

Com uma tiragem diária de cerca de 35 mil exemplares, o jornal *NH*, do Grupo Editorial Sinos, é o veículo de maior penetração na região de Novo Hamburgo. Convidado pela direção do jornal, de 21-3-1992 até 1-5-1999, havia publicado 362 artigos semanais de orientação pastoral, na edição de sábado-domingo<sup>31</sup>.

Muito se poderia escrever sobre este período de sua vida: Bispo Auxiliar de Salvador de 1982 a 1985, Bispo titular de Novo Hamburgo, de 1985 a 1995 e Bispo Emérito.

Podemos distinguir entre o polemista incurável e o pastor conciliador. Em ambos os aspectos, manifestou, indiscutivelmente, grande amor à Igreja e sua intenção era certamente a de contribuir para a renovação da Igreja de Cristo.

Os ataques em defesa da ortodoxia se voltaram agora contra os próprios irmãos no Episcopado, contra a orientação teológica e pastoral da CNBB. Basta ler os seus posicionamentos sobre a questão da Teologia da Libertação e sobre os teólogos das chamadas por ele de “novas teologias”, que considera não mais serem cristãs. Tendo

<sup>31</sup> *Sub Umbris Fideliter*, p. 433-435.

participado do Encontro-americano sobre Cristologia no Sumaré, Rio de Janeiro, organizado pelo CELAM, Dom Boaventura também participou. “Na abertura, o Cardeal Ratzinger falou aos 23 participantes em latim. *É um verdadeiro banho cristológico* – observou no *Diário 15*, em 1-9-1982. Os bispos presentes receberam *documentos que permitem ver o que anda por detrás dos bastidores da CNBB e como os assessores manipulam tudo. Tenho a impressão de que a CNBB está hoje como estava o CELAM em 1972, também totalmente manipulada pelos assessores (que hoje quase todos abandonaram o ministério). Só uma mudança profunda nestes organismos de trabalho poderá garantir uma sã ação da CNBB junto aos bispos. Sem isso, a CNBB será mais estorvo que ajuda*”<sup>32</sup>.

Na sua estréia como bispo na 21ª Assembleia Geral da CNBB, em Itaici, de 1983, fez duras críticas aos teólogos da libertação: “O dia seguinte foi mais agitado, especialmente quando o Pe. Quiroga leu um documento intitulado “Como se faz Teologia no Brasil hoje”, elaborado por um exegeta (Pe. Mesters), um sistemático (Pe. França) e um moralista (P. Antônio Moser). Era um documento curioso e surpreendente. Espero que não retrate a realidade teológica no Brasil, contemporâneo – prosseguiu em suas memórias. Quando terminou a leitura, pedi a palavra, mas não me foi dada, informando que se tratava apenas de uma comunicação, sem objeto de discussão. O que nos foi apresentado é exatamente a metodologia subjacente à Igreja Popular na América Latina – ponderou no *Diário 15* no dia 8. Cinco dias depois, comentou sobre o problema por uma horinha com o Sr. Nuncio. Ele está bem preocupado, sobretudo com o documento – acrescentou em suas memórias, no dia 13”<sup>33</sup>.

Não foi nada fácil seu relacionamento com a CNBB. O caso mais lamentável foi a discordância com seu velho amigo, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, por causa do lançamento do livro *Igreja Popular*<sup>34</sup>.

Bem diversa foi sua atitude como Bispo de Novo Hamburgo. Aconteceu uma verdadeira conversão. Tinha consciência de que, em

<sup>32</sup> J.A.Schierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 359.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 360-361.

<sup>34</sup> Cf. *Ibidem*, p. 297-317.



primeiro lugar, devia ser pastor. Como bispo diocesano, não como membro da CNBB, Dom Boaventura como que tenta apagar sua faceta de polemista. De fato, a polêmica fazia parte de sua personalidade. Polemizava sobre tudo, até sobre si mesmo: seu temperamento; sua vocação de padre diocesano ou padre religioso; se ao se tornar bispo emérito, devia continuar na diocese ou retornar à Província; o que fazer para estar na santa obediência, vivendo fora do território da Província; os próprios votos religiosos eram assunto de polêmica; o caráter temporário ou vitalício do sacerdócio ministerial; sua condição de tradicionalista ou progressista.

Sobre este último ponto, temos uma longa consideração que, se não fosse tão extensa, valeria relacioná-la aqui. Consta de 20 hipóteses ou considerações, quase em forma de ladainha, como estas:

*Se por conservador se entende que é preciso manter, viver e transmitir fielmente a fé e a tradição recebidas dos Apóstolos, sou conservador; se ser conservador significa congelar a doutrina ou a vida da Igreja, não sou conservador.*

*Se por progressista se entende que é preciso abrir-se aos novos valores do mundo secularizado, sou progressista; se ser progressista significa proclamar a irrelevância de certas doutrinas católicas de fé e moral, não sou progressista*<sup>35</sup>.

Damos novamente a palavra a seu biógrafo: “Tão logo havia tomado posse da diocese, Dom Boaventura sentiu que não havia unidade entre lideranças nas diversas frentes da pastoral. Visitou as Irmãs Carmelitas e lhes fez um pedido: *rezem bastante para que Deus me ilumine sobre como agir.*”

Antes de embarcar para Roma, concedeu entrevista à BBC TV de Londres e à Zero Hora, publicada na edição dominical de 28-9-1986, p. 9, com o título *Para Dom Kloppenburg, o importante é a alma*. O repórter Pedro Maciel informou que o entrevistado resiste em falar de assuntos como constituinte, reforma agrária e política em geral: *A minha função específica como bispo é ver que as minhas 37*

<sup>35</sup> *Sub Umbris Fideliter*, p. 506-508.

*paróquias andem bem e que os cristãos vivam dentro da doutrina cristã, da qual sou um pregador e conservador. Queixou-se do rótulo “conservador”: Há 20 anos eu tinha fama de progressista e não sei como hoje sou conservador, se defendo as mesmas idéias. A diferença é que critiquei a adoção da teoria marxista na análise dos problemas sociais, porque o socialismo no Brasil seria uma ruína para todos nós e outro socialismo que não seja o da Rússia é utopia, o que não se realiza nunca e não é realizável. E mais: a missão específica da Igreja hoje é continuar a missão com a qual Cristo veio à Terra, como Igreja devemos estar empenhados em salvar as almas para a vida eterna. Como perguntou Cristo, de que adianta ganhar o mundo e perder a alma? Quanto à reforma agrária, alertou sobre a necessidade de assentar estas pessoas que não tenham terra, mas oferecer uma área de terra para trabalhadores agrícolas não é a solução para a miséria se não houver uma reforma agrícola, de métodos de trabalho. Hoje, quem receber 20 ou 30 hectares de terra e tiver de trabalhar com métodos antigos, não vai ter resolvido seu problema e é até contraditório oferecer terras aos que vêm do êxodo rural, aos que abandonaram as terras e agora estão gritando por terras... – vão apenas produzir para não morrer de fome e aí, vão acabar vendendo as terras para gananciosos, voltando a ser sem terras e criando eternamente a figura do sem-terra<sup>36</sup>.*

Acolhido com certa desconfiança como bispo diocesano, aos poucos, foi conquistando a simpatia do povo e do clero. Em seu pastoreio podemos realçar alguns títulos apresentados por seu biógrafo: Rumos da Pastoral da Terra; União com seus padres; Seminário menor diocesano; Convívio com a CNBB; Sínodo da Diocese<sup>37</sup>. A caridade pastoral foi aos poucos superando o polemista da doutrina. A ortodoxia e a “ortopraxis” começaram a conviver com mais harmonia. Como bispo emérito dedicava grande parte do seu tempo a escrever livros de espiritualidade centrada no Mistério da Trindade.

Como Bispo emérito de Novo Hamburgo, a alma exaltada de Frei Boaventura se acalmou. O homem polemista foi deixando mais espaço ao homem espiritual, ao amigo na caridade de Cristo. Certamente Frei

<sup>36</sup> J.A.Schierholt, *Frei Boaventura Kloppenburg*, p. 341-342.

<sup>37</sup> Cf. *Ibidem*, p. 341-380.



Boaventura trilhou uma vida por Cristo em sua Igreja com muito amor e dedicação, tanto na reflexão teológica como na insistência sobre a importância da teologia para a ação pastoral da Igreja.

Em Frei Boaventura Kloppenburg transparece um amor apaixonado por Cristo e por sua Igreja. Um grande amor pela doutrina cristã a partir do Credo da Igreja. Estamos diante de um homem de grande envergadura espiritual, de uma profunda vida de oração, um religioso que tomou muito a sério sua consagração a Deus pelos votos, um autêntico frade menor. Sabia unir em sua vida com Deus por Cristo e na Igreja uma piedade tradicional, tanto individual como comunitária, e uma espiritualidade centrada na Sagrada Liturgia reformada pelo Vaticano II, sobretudo uma espiritualidade eucarística.

Temos mais. Com tendência à timidez no relacionamento social e a um certo isolamento, Frei Boaventura se mostrava um grande amigo ao encontrar confiança em alguém. Privou com Cardeais, e Papas. Procurava viver uma amizade sincera que era cultivada, no convívio, no lazer, no esporte, nos passeios, na caçadas, quando permitidas, e na pescaria.

Realmente, podemos descobrir e admirar em Frei Boaventura Kloppenburg um teólogo nato com profunda inclinação para a ação pastoral em todo o seu modo de pensar e agir.

Como franciscano, certamente procurou viver a última estrofe do Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis: “Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade”.

Louvado sejas, meu Senhor, por nosso Irmão Frei Boaventura Kloppenburg.